

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 19, Nº 1

2017

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Ana Cristina Marinho Lúcio

Revista Graphos

Editor

Expedito Ferraz Júnior

Organizadores do Dossiê

LITERATURA E SAGRADO

Sandra Luna (UFPB)

Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)

Conselho Editorial

Genilda Azerêdo

Luiz Antonio Mousinho Magalhães

Marta Pragana Dantas

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Conselho Consultivo

Aloísio Dantas (UFCG)

Cristina Mello (Universidade de Coimbra)

Elisalva Madruga Dantas (UFPB)

Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)

Genilda Azerêdo (UFPB)

Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)

Henrique Graciano Murachco (USP)

Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)

Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)

Maria da Glória Bordini (PUC/RS)

Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)

Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)

Maria do Socorro Aragão (UFC)

Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)

Mônica Nóbrega (UFPB)

Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)

Peggy Sharpe (Florida State University)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

Valdir Flores (UFRGS)

Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

2017

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê traz a público um conjunto de artigos produzidos por membros do GT Literatura e Sagrado da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Os textos que compõem esta publicação, originalmente apresentados e debatidos no 29º ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em Florianópolis, em junho de 2014, ofertam-se como amostra emblemática das principais linhas de pesquisa que caracterizam o GT enquanto *locus* de investigação das complexas relações entre a Literatura e o Sagrado.

Com o intuito de ilustrarmos algumas das linhas representativas das pesquisas desenvolvidas pelos participantes do grupo, organizamos o presente dossiê agrupando textos que, embora diversificados em seus objetos, convergem em seus propósitos para embasar, no vasto campo dos estudos sobre Literatura e Sagrado: a) questões teórico-filosóficas b) questões de método; c) leituras crítico-interpretativas das representações do sagrado na literatura, brasileira e estrangeira.

Cumprindo essa categorização, imediatamente após o Prefácio escrito por Suzi Sperber, iniciamos a presente publicação com três textos que contribuem mais diretamente para reflexões teórico-filosóficas e metodológicas, seguindo-se a estes dois ensaios de caráter crítico-interpretativo da literatura brasileira, finalizando com dois ensaios sobre representações do sagrado em textos literários de tradições estrangeiras. Obviamente, nos ensaios teóricos, há incursões críticas a textos literários, assim como os estudos críticos da literatura apresentam-se fundamentados teoricamente, de maneira que o ordenamento ora estabelecido baseia-se nos objetivos precípuos dos ensaios, tais como formulados por seus autores. Isto posto, podemos apresentar brevemente cada ensaio componente deste dossiê.

Em seu texto, *Contribuição das definições do Sagrado de Rudolf Otto e Mircea Eliade para o estudo da Literatura*, Eduardo Gross examina um quadro de conceitos teórico-filosóficos que permitem reflexões instigantes sobre o sagrado e o literário. Transcendendo o domínio lógico-racional a que, por questões históricas, tentou-se reduzir a experiência religiosa, Otto percebe o sagrado como manifestação do “numinoso”, evocando uma série de fenômenos que nem se reduzem à apreensão racionalista nem a ela são estranhos. É justamente o movimento em direção a algo que sabemos reconhecer, mas que

desafia e transcende a racionalidade o que permite a Otto formular a noção de *mysterium*, assim como outras a ela associadas, tais como *fascinans* e *tremendum*, o sagrado sendo, a um só tempo, atraente e atemorizante. Para Eliade, o sagrado se descortina em relação ao profano e se revela por meio de *hierofanias*, manifestações de uma sacralidade que transcende o profano. No entanto, para que a distinção entre ambos os domínios faça sentido, há que se retomar a ideia do “homem religioso”, em oposição ao “homem moderno”, considerando-se a profanização do mundo pela modernidade. Em sua apreciação dessas e de outras formulações, Eduardo Gloss analisa pressupostos teórico-filosóficos que embasam a obra de Otto e de Eliade, produzindo um valioso estudo crítico que considera tanto as potencialidades quanto os limites da apropriação desses conceitos para o estudo do sagrado e da literatura.

Em *A quête de Perceval e a tensa relação entre Literatura e Sagrado*, Mauro Rocha Batista retoma conceitos e reflexões de Giorgio Agamben como fundamentos de um ensaio que enquadra a noção de “*quête*” como método capaz de descortinar, nas relações entre a Literatura e o Sagrado, a ludicidade e as aporias de uma busca por sentido que, não prescindindo da experiência, não se apressa a fixar verdades apreendidas por vias racionalistas. Adotando como ilustração emblemática a busca de Perceval pelo graal, narrada por Chrétien de Troyes em “O conto do graal”, escrito entre 1181 e 1190, o autor apresenta-nos uma *quête* cuja significação se projeta na própria busca e não no objeto a ser alcançado ao fim da jornada. Assumindo a ludicidade e a aporia como componentes dessa busca por uma significação que não exclui a verdade da vivência ou a vivência como verdade, Mauro Rocha Batista nos conclama a experimentar novos caminhos para a crítica no campo das relações entre Literatura e Sagrado.

Arturo Gouveia apresenta fundamentos históricos e conceituais de um projeto de pesquisa que focaliza *A Fraternidade não-burguesa em narrativas brasileiras*. Considerando o “esquecimento” histórico a que foi relegado o conceito de fraternidade, o chamado “princípio esquecido” da Revolução Francesa, Arturo Gouveia reflete sobre a fraternidade enquanto categoria que, presente na cultura ocidental desde as origens da tradição judaico-cristã, assumiu novas conotações e funções políticas com o advento do Iluminismo e da Revolução Francesa, tendo sido eclipsada desde então, por razões históricas associadas ao capitalismo. Embora atualmente a fraternidade esteja recebendo atenção de estudiosos em várias áreas do conhecimento, o autor considera como, no âmbito da teoria e da crítica literárias, o conceito não adquiriu visibilidade, embora seja possível discernir em

uma série de textos da literatura brasileira do século XX obras que acolhem a fraternidade como tema, ainda que apenas raramente como tema dominante. Pontuando conceitos e reflexões derivadas de pensadores como Baggio, Adorno e Giuseppe Tosi, associados a ponderações críticas sobre a literatura brasileira nos dois últimos séculos, Arturo Gouveia considera como a própria noção de mimese reflete no espectro da representação literária a pouca importância concedida pela realidade ocidental ao tema objeto de sua pesquisa. O estudo ora apresentado faz-se importante contribuição teórico-crítica à problemática do esquecimento da fraternidade nos estudos sobre a literatura, questão que assume notável relevância quando se considera o papel central da fraternidade, tanto na religiosidade cristã quanto na formulação laicizada dos princípios políticos que regem, ou deveriam reger, as democracias modernas.

Terezinha Zimbrão apresenta-nos o ensaio intitulado *A espiritualidade em Machado de Assis*. A partir do conceito de espiritualidade proposto por Leonardo Boff, que a entende como o processo de transformações verdadeiras que se dão no ser e o tornam apto a vivenciar novas e profundas experiências rumo aos mistérios do coração e da vida, Terezinha Zimbrão revisita o texto *O Espelho*, de Machado de Assis, valendo-se de interpretações ressaltadas por dois estudiosos da psicanálise junguiana que se voltaram à análise crítica desse conto machadiano: Nise da Silveira e Dillip Loundo. Focalizando a noção de alma dupla, apresentada por Jacobina, o narrador-protagonista do conto, a autora do artigo que ora apresentamos propõe novas sendas de leitura à obra, ao mesmo tempo, revisando a perspectiva adotada por Nise da Silveira e ampliando as vertentes inauguradas pelas instigantes proposições críticas de Loundo.

Suzi Sperber retoma *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, para tecer reflexões sobre o mal como escândalo. Acompanhando a trajetória de Macabéa, a protagonista do romance de Clarice, Sperber mobiliza concepções teórico-filosóficas que lhe permite vislumbrar o mal sob perspectivas diversas, existenciais e sociais, examinando o imbricamento dessas formas distintas de tragicidade na tessitura da narrativa literária. Reflexões inspiradas em Aristóteles, Ricoeur e Hanna Arendt, incursões a textos bíblicos, sobretudo ao *Gênesis* e ao *Livro de Jó*, mesclam-se a teorizações sobre acepções do trágico em suas relações com a liberdade, o sofrimento e a morte, numa convergência de perspectivas crítico-interpretativas que projetam novas luzes sobre a profundidade e a multiplicidade de sentidos do mal no

romance protagonizado por Macabea. O artigo, que não descuida da instância narrativa do romance e nem do receptor que nele se implica, produz uma ausculta do mal que reverbera na universalidade do fenômeno, afinal, diante do *pathos* de Macabea, como não lembrar, através das palavras de Clarice na leitura de Sperber, que “a gente também morre”?

No ensaio intitulado *O unicórnio das estrelas: sacralidade e dramaticidade no teatro revolucionário irlandês*, Sandra Luna e Karina Fonsaca abordam a dramaturgia de William Butler Yeats, focalizando uma peça escrita pelo poeta em colaboração com a renomada folclorista irlandesa Lady Gregory. Apresentada pela primeira vez no Abbey Theatre, em Dublin, em 1907, a peça *O Unicórnio das Estrelas* foi, desde a sua estreia, enquadrada pela crítica como ilustração de um teatro engajado que inspirava os revolucionários irlandeses em suas lutas por independência em relação à Inglaterra. No estudo aqui apresentado, as autoras desvendam a sacralidade implicada na tessitura da obra, que dramatiza um cenário de luta política liderada por um jovem camponês, Martin, cujos transes místicos e experiências oníricas o levam a sagrar-se arauto de verdades que convergem para ações revolucionárias, provocando sofrimento, destruição e morte. O vislumbre do sagrado apocalíptico na composição de uma alegoria política faz irromper na dimensão estrutural da ação dramática uma miríade de signos que desestabilizam a própria mensagem revolucionária, convidando-nos a espreitar o teatro de Yeats sob prismas ainda mais desafiadores.

Mar da Fertilidade: um mergulho no vazio e no silêncio, de autoria de Alexandre Lúcio Sobrinho, tem por objeto de análise crítica a tetralogia homônima de Yukio Mishima, *Mar da Fertilidade*, composta pelos romances *Neve de Primavera*, *Cavalo Selvagem*, *O Templo da Aurora* e *A Queda do Anjo*. Em seu artigo, o autor examina como Mishima mobiliza elementos do Budismo, dentre os quais, a reencarnação, a roda de *samsara*, noções de carma e de impermanência como estratégias ordenadoras da narrativa literária em suas dimensões lógico-causais. Sem descuidar de situar o problema investigado em relação ao contexto histórico do Japão mimetizado na tetralogia, que recobre um período de 58 anos (de 1912 a 1970), o ensaio sobre o *Mar da Fertilidade* também observa as relações entre os principais temas da tetralogia, a vida e a produção literária de Yukio Mishima.

Resta-nos dizer que o trabalho de pesquisa e reflexão daqueles engajados no GT Literatura e Sagrado tem percorrido vertentes distintas, algumas das quais são aqui ilustradas. Desde sua fundação, em agosto de 2009, o GT Literatura e Sagrado da ANPOLL já organizou cinco Encontros, com uma participação regular de cerca de vinte estudiosos. Assim foi também no último Encontro, realizado em Campinas - SP, em 2016. Até o momento, além dos artigos que ora apresentamos como componentes do presente dossiê, o GT conseguiu publicar dois livros e fez-se representar significativamente na publicação de um número especial da *Revista Ipotesi*: Juiz de Fora, v.16, n.2, jul./dez. 2012.

Finalmente, em nome dos componentes do GT Literatura e Sagrado, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, que acolheu o nosso projeto de publicação, ao tempo em que reconhecemos a valorosa contribuição que a *Graphos* concede aos estudos literários em suas complexas relações com o domínio da sacralidade. Num momento em que se acentuam os debates sobre a crise da racionalidade e num cenário em que a religiosidade tende a instrumentalizar o sagrado para fins diversos, por vezes perversos, a produção de conhecimentos sobre Literatura e Sagrado projeta o campo literário para além das fronteiras teórico-filosóficas e fomenta sentidos de sacralidade que transcendem e desafiam a esfera da religiosidade. Que os textos a seguir sejam inspiradores e instigantes, é o que desejamos.

Sandra Luna e Suzi Sperber
Organizadoras